
Murilo Mendes (re)lê Fernando Pessoa

Murilo Mendes re-reads Fernando Pessoa

Aline Leão do Nascimento

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2024.nEsp.a1301>

RESUMO

São apresentadas as leituras que o poeta brasileiro Murilo Mendes fez sobre Fernando Pessoa desde a publicação em jornal, em 1944, de seu artigo “Fernando Pessoa”, até a prosa “Fernando Pessoa”, de seu livro *Janelas Verdes*, escrito em meados da década de 60. No entremeio, outras menções de Murilo Mendes ao poeta português são consideradas, como as que se lê, nos anos 50, em carta ao crítico e escritor português Adolfo Casais Monteiro e em “Murilograma a Fernando Pessoa”, poema de 1964. O objetivo é contribuir para o entendimento da forma com que Murilo lê ou relê Fernando Pessoa, situar essas leituras aos seus contextos de produção e destacar em que medida elas se modificaram ao longo do tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Modernismos; Murilo Mendes; Fernando Pessoa; Recepção; Luso-brasilidade.

ABSTRACT

Readings on Fernando Pessoa by the Brazilian poet Murilo Mendes will be presented, from the publication in a newspaper in 1944 of his article “Fernando Pessoa”, to the prose “Fernando Pessoa”, from the book *Janelas Verdes* written in the mid-60s. Moreover, other mentions of the Portuguese poet by Murilo Mendes will be considered, such as in letter to the Portuguese critic and writer Adolfo Casais Monteiro in the 1950s, and in

“Murilograma a Fernando Pessoa”, a poem from 1964. The aim is to contribute to an understanding of the way in which Murilo reads or re-reads Fernando Pessoa, situate these readings in their contexts of production and to highlight the extent to which they have changed over time.

KEYWORDS: Modernisms; Murilo Mendes; Fernando Pessoa; Reception; Luso-Brazilian.

1. PRIMEIROS CENÁRIOS

A revista *Orpheu* e a poesia heteronímica e ortônima de Fernando Pessoa constituem o marco do modernismo português e, embora apresente um caráter plural, a orientação classicizante e cosmopolita representada pela figura de Pessoa foi reconhecida como um ideário comum ao movimento. Em outro aspecto, enquanto o poeta postulava naquele momento “uma arte de Portugal que nada tenha de Portugal”, os brasileiros proclamavam, momentos depois, a busca por uma identidade brasileira diferenciada da herança europeia. A princípio, os modernismos de cá e de lá pensaram o “novo” em resposta às questões colocadas pelos seus territórios: Portugal buscando inserção na cultura europeia; Brasil buscando emancipação intelectual desta mesma tradição, da qual Portugal é parte. Murilo Mendes já nos forneceu um exemplo. Historicamente situada, a perspectiva antilusitana assumida como gesto burlesco nos poemas de *História do Brasil*, de 1933, bebeu, mesmo que tardiamente, nas fontes modernistas de crítica à imagem do “outro” português, assim como o livro pode ser lido como uma dupla parodização, cujo alvo satírico é a imagem dos colonizadores e a do próprio movimento nacionalista (Frias, 2002). A postura combativa do movimento ficou datada quando o diálogo propiciado pelo encontro entre as intelectualidades brasileiras e portuguesas foi reconhecido como potencialmente frutífero. É neste contexto de abertura ao diálogo, aprofundado na

década de 40, entre a literatura dos dois países, que Murilo Mendes torna-se leitor de Fernando Pessoa.

O texto de Murilo Mendes intitulado “Fernando Pessoa”, saído no jornal *A Manhã* (RJ e PE) em 1944, está inserido neste cenário aquecido de interlocução Brasil-Portugal e marca uma das primeiras recepções sobre a obra de Fernando Pessoa no Brasil. Duas décadas depois, nos anos 60 e 70, Fernando Pessoa é mote de criação para o autor brasileiro tanto em “Murilograma a Fernando Pessoa”, escrito em 1964, mas publicado em *Convergência*, em 1970¹, quanto no capítulo/fragmento em prosa “Fernando Pessoa”, presente no setor 2 de *Janelas Verdes* – obra inteiramente dedicada a Portugal, em que cada fragmento é devotado a uma figura da cena cultural portuguesa nascida no início do século XX.

Veremos que a leitura que Murilo Mendes faz sobre Fernando Pessoa passa por variações ao longo do tempo e parece acompanhar as mudanças de sua própria poética. Os sentidos dos textos publicados sobre o poeta português podem ser melhor especificados pelo contexto de sua publicação, desde os anos 40 aos anos 70. Em panorama, o artigo de Murilo sobre Pessoa divulgado no jornal está inserido no campo emergente de interesse, tanto em Portugal quanto no Brasil, pela poética do autor português. A ampliação deste interesse foi motivada pelos estudos e projetos editoriais levados a cabo por críticos portugueses como Adolfo Casais Monteiro, Gaspar Simões, José Régio, Óscar Lopes, entre outros. Eram críticos atuantes na *Presença*,

¹ O projeto editorial original incluía o poema numa espécie de *intermédio poético* da obra póstuma *Janelas verdes*. A seção era composta por outros “Murilogramas” a portugueses. A edição previa a inclusão do conjunto de poemas entre o setor 1 da obra, que trata dos lugares de Portugal, e o setor 2, com textos sobre personalidades portuguesas, porém os “Murilogramas” passaram a integrar posteriormente o volume de *Convergência*.

periódico português que atuou entre os anos de 1927 a 1940, responsável pela criticização do modernismo de *Orpheu* e principal divulgador da obra de Fernando Pessoa em Portugal e em outros países como o Brasil, país com o qual os diálogos foram estreitados.²

2. ABERTURA AO DIÁLOGO

Desde o início do século XIX até os anos 1930, o que inclui a época da publicação de *Orpheu*, o diálogo entre intelectuais brasileiros e portugueses ocorria, mas não era tão expressivo e significativo quanto foi no contexto da geração da *Presença*, sobretudo a partir dos anos 40. Apesar dos poetas brasileiros Ronald de Carvalho e Eduardo Guimarães terem participado do núcleo editorial de *Orpheu* e terem se correspondido com portugueses deste denominado “primeiro modernismo” português, não há indícios apontados por estudos que identifiquem a circulação de *Orpheu* no Brasil na época de seu lançamento, por exemplo. A relação entre brasileiros e portugueses, inclusive, não era tida como algo a afirmar ou a fomentar, pois isto contrariava os objetivos modernistas de desvincular a nossa literatura dos moldes transatlânticos e de afirmar uma inteligência nacional. A iniciativa de abrir este diálogo entre a cultura de ambos os países pode ter vindo mais dos portugueses do que dos brasileiros, se a lermos sob a perspectiva do crítico português Adolfo Casais Monteiro em texto para o número 54 da *Presença* intitulado “Estado presente do intercâmbio intelectual luso-brasileiro”. O crítico pres-

² Murilo também foi lido por alguns desses críticos presencistas. João Gaspar Simões falou sobre *Tempo Espanhol*, no *Diário de Notícias*, em 1969. Comentou sobre a obra de Murilo Mendes em estudos críticos como *Literatura, Literatura, Literatura* (Portugália, 1964). Presume-se a existência de outros textos, como os de Óscar Lopes e Adolfo Casais Monteiro, pelas fontes bibliográficas encontradas nos trabalhos da crítica portuguesa Joana Matos Frias (2002), “Modernidade e modernismo em Murilo Mendes”.

sente, neste texto de 1938, o começo de “efetivo intercâmbio intelectual entre Portugal e o Brasil”, mobilizado por meio da “troca de livros, troca de revistas” (Monteiro, 1938, p. 29), mas se incomoda ao perceber que os portugueses estariam mais empenhados neste projeto do que os brasileiros, indicando as razões editoriais como uns dos principais impasses. O presencista se queixa da quase inexistência de obras portuguesas nas livrarias brasileiras. Em resposta a isso, Mário de Andrade, em seu artigo “Uma suave rudeza”, publicado no ano seguinte ao de Monteiro, em 1938³, nota certa injustiça do crítico português em seu diagnóstico. Porque as razões de os brasileiros não terem dado testemunho da literatura portuguesa equivalente ao deles sobre a nossa, são mais do que editoriais, devem-se a algumas diferenças cruciais: ao uso contraventor que fazemos da língua portuguesa, à nossa posição social... Mas, categoricamente, “Os portugueses são para nós”, diz Mário, “todo um passado, um passado próximo e por isso mesmo perigosíssimo, um eterno e sedutor convite a ‘acertar em Portugal e errar no Brasil’”. Em razão disso, continua, “qualquer enlevo mais assíduo que sintam agora os escritores brasileiros pelos seus camaradas d’além-mar, será dissolvente da nossa realidade, ao passo que nós não podemos representar pra Portugal nenhum veneno” (Andrade, 1946, p. 59 apud Sá, 2013, p. 168).

Se, na época de *Orpheu* e até pouco tempo antes de falecer, Fernando Pessoa contava com pouco reconhecimento em Portugal, não

³ São exemplares os estudos reunidos em *Estudos sobre Fernando Pessoa no Brasil* (Revista Comunidades de Língua Portuguesa, 1985/86), com textos de João Gaspar Simões, Eduardo Lourenço, Cleonice Berardinelli, João Alves das Neves, entre outros, e os desenvolvidos por Arnaldo Saraiva em *Modernismo brasileiro e modernismo português: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações* (2004). Dos estudos que se voltam para a recepção de Pessoa no Brasil, são poucos os que mencionam o texto de Murilo Mendes, de 1944, sobre Pessoa, e, quando o fazem, não aprofundam a leitura.

havia no Brasil uma recepção pública de sua obra.⁴ A revista *Presença* e seus organizadores atuaram significativamente para a construção de uma linha de estudos sobre Fernando Pessoa, de modo que, nessas contribuições presencistas, a “poesia de Pessoa e a poesia modernista em Portugal parecem significar a mesma coisa, como se o Modernismo fosse o movimento de um homem só” (Gagliardi, 2000, p. 93). Mário, no mesmo texto mencionado no parágrafo anterior, declara a existência de certo assombro dos brasileiros com a genialidade atribuída a Fernando Pessoa por alguns intelectuais de Portugal e conclui, concordando, o seguinte: “É que Fernando Pessoa representa, em certos grupos portugueses, uma concretização de ideais múltiplos que nos escapa” (Andrade, 1946, p. 59 apud Sá, 2013, p. 168), estando, então, o modernismo de Pessoa em condição adversa à literatura produzida no Brasil dos anos 20 e 30.

A crítica, então, reconhece alguns passos em direção à divulgação de Fernando Pessoa para os leitores brasileiros.⁵ As circunstâncias frequentemente referidas a esse respeito envolvem os artigos publicados no Brasil pelos críticos presencistas Adolfo Casais Monteiro e Gaspar Simões – este último, autor da primeira biografia sobre Fernando Pessoa – e a publicação da antologia de poesia portuguesa organizada por Cecília Meireles. No prefácio da obra *Poetas novos de Portugal*, escrito em 1943, Cecília oferece uma apresentação elogiosa a respeito do poeta português, “com admirável penetração”, segundo

⁴ Os números da *Revista de Portugal* podem ser encontrados no repositório da Universidade de Coimbra, *Uc Digitalis*, disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt>. Os da *Atlântico Revista Luso-Brasileira*, na Hemeroteca Digital de Lisboa, disponível em: <https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>

⁵ O poema foi publicado posteriormente no “Livro Primeiro”, de *As metamorfoses*, com data de 1938, com o título “Estudo nº 1”, apresentando algumas alterações nos versos.

observação de Arnaldo Saraiva (2004, p. 188). De modo geral, os textos que eram publicados pela crítica presencista em periódicos brasileiros foram inserindo a obra de Pessoa no país, enquanto alguns brasileiros passaram a se manifestar sobre o poeta, inclusive Murilo Mendes.

3. ENCONTROS COM PORTUGUESES

É importante mencionar os cenários geopolíticos que também motivaram este estreitamento entre intelectuais de ambos os países. Portugal vivia sob a ditadura do Estado Novo salazarista, irrompida em 1933, e a Europa vivia sob as tensões da Segunda Guerra Mundial. Ambas as circunstâncias forçaram o deslocamento de intelectuais para as Américas neste período – ou a aproximação entre ambos por meio de ações culturais –, quando, conseqüentemente, tiveram os vínculos estreitados ao chegarem ao Brasil. Neste período, vivíamos também sob a fase ditatorial do governo de Getúlio Vargas (1937-1945).

É, então, na década de 40, no Rio de Janeiro, que Murilo Mendes começa a amizade com um grupo de portugueses que veio para o país buscar exílio: a pintora Maria Helena Vieira da Silva (que veio acompanhada por Arpad Szenes, pintor húngaro com o qual era casada); o historiador Jaime Cortesão e Maria da Saudade, sua filha e poeta, que se tornaria companheira de Murilo dali em diante. O vínculo com este grupo foi longo e significativo em matéria literária e biográfica.

Mediante pesquisa em acervos digitais disponibilizados em *sites* portugueses ⁶, é possível encontrar alguns poemas que Murilo pu-

⁶ O poema foi publicado posteriormente no “Livro Primeiro”, de *As metamorfoses*, com data de 1938, com o título “Estudo nº 1”, apresentando algumas alterações nos versos.

blicou neste período na *Atlântico Revista Luso-Brasileira* e na *Revista de Portugal*. Na revista *Atlântico*, coordenada pelo português António Ferro, Murilo publicou “Poema”⁷ e “Estudo”.⁸ Na *Revista de Portugal*, publicou “Tema antigo” e “História”. Foram poemas que saíram, depois, em *As metamorfoses* (1944). Mas, um pouco antes disso, ainda é possível encontrar uma aproximação de Murilo com os portugueses nas cartas reunidas por Júlio Castañon Guimarães.⁹ Murilo correspondeu-se com: Adolfo Casais Monteiro (1938, 1953, 1954, 1955, 1958, 1959), Vitorino Nemésio (1938, 1952, 1953), e João Gaspar Simões (1960 (3), 1962 (2), 1963, 1965, 1966 (2), 1969). Os dados indicam a participação de Murilo nesta rede luso-brasileira, assim como se deu, de diferentes formas, com Cecília Meireles, João Cabral de Melo Neto e outros escritores brasileiros. Esta rede foi uma das maneiras com que a “missão portuguesa”¹⁰ ganhou expressão entre

⁷ Disponível em *Cartas de Murilo Mendes a correspondentes europeus* (Casa de Rui Barbosa, 2012).

⁸ Expressão empregada por Rui Moreira Leite (2006) em seu artigo “Missão Portuguesa no Brasil” para situar historicamente este momento de expansão de contato transatlântico entre brasileiros e portugueses ocorrido a partir da década de 40. Dá título à obra *Missão portuguesa: rotas entrecruzadas* (Leite; Lemos, 2002) que reúne artigos de críticos literários especialistas no assunto, organizada por ele, Rui Moreira Leite, e o artista plástico português Fernando Lemos.

⁹ Mediante acesso à listagem virtual de obras disponíveis na biblioteca do poeta, encontramos: *English poems* (Olisip, 1921); *Cartas a Armando Cortes Rodrigues* (Confluência s/d); *Mensagem* (Ática, 1941); *Poesias de Fernando Pessoa* (Ática 1943); *Poesias de Álvaro de Campos* (Ática, 1944); *Poemas de Alberto Caeiro* (Ática 1946); *Poemas dramáticos* (Ática, 1952); e *Poesias inéditas* (Ática, 1955).

¹⁰ Emprego a nomenclatura usada por Vilma Arêas em seu artigo “Uma suave Rudeza” (1988) para se referir a Fernando Pessoa enquanto objeto interpretável pelos brasileiros e portugueses.. Como se vê, Vilma reutiliza o título daquele artigo de Mário, de 1938.

nós. O fluxo de chegadas dos que partiram de Portugal abriu um vão através do qual o contato foi intensificado.

4. PESSOA PRESENTE

O texto de Murilo Mendes intitulado “Fernando Pessoa”, saído no jornal *A manhã* em 1944, reside no interior deste contexto luso-brasileiro de interlocução. A obra de Fernando Pessoa chegou ao poeta por intermédio, provavelmente, de alguma das figuras portuguesas vindas para cá ou dos amigos escritores que foram para Portugal e de lá voltaram com exemplares da literatura portuguesa contemporânea – as “trocas de livros, trocas de revistas” de que falara Casais Monteiro (1938, p. 29).

Rui Moreira Leite (2006) nota que os primeiros artigos no Brasil sobre Fernando Pessoa eram, também, os primeiros artigos escritos por portugueses em jornais brasileiros na década de 40. Na biblioteca de Murilo Mendes, localizada em Juiz de Fora, no Museu de Artes Murilo Mendes, há oito livros de Fernando Pessoa, conforme indica a lista de obras fornecida pelo site do Museu.¹¹ Um deles é mencionado no texto de 1944, o *Poesias* (Ática: Lisboa, 1943). Veremos que o encontro de Murilo com o “texto-Pessoa”¹² não é fortuito, e que há algum rendimento da presença pessoana na trajetória do brasileiro, pelo que é possível notar nos indícios, esparsos, dos anos seguintes

11 Um dos textos que Lúcio Cardoso escreveu sobre Fernando Pessoa, em *A Manhã* - RJ, de 1946, é dedicado a Murilo Mendes, conforme aponta João das Neves em “Fernando Pessoa e o Brasil” (2004, p. 385), pressupondo que entre os escritores houvesse alguma troca de impressões a respeito do poeta português.

12 Nos textos de Murilo Mendes sobre Maria Helena Vieira da Silva, “o poeta não deixa de debater, de fato, questões essenciais à sua própria poesia” (Moura, 1995, p. 137). De forma semelhante, “o que Murilo detecta em Magnelli, como de fato em vários outros artistas, está diretamente relacionado a sua própria produção poética” (Guimarães, 1993, p. 108).

à publicação de seu artigo no jornal. Vejamos, então, que, após 1944, duas décadas depois do artigo de Murilo sobre Pessoa ser publicado no jornal, o poeta português reaparece em “Murilograma para Fernando Pessoa”, em 1964, como imagem dissecada pelo brasileiro. É mencionado no interior dos fragmentos de *Janelas Verdes* até aparecer no seu último texto/capítulo, “Fernando Pessoa”, como figura imaginada e biografada. São poucos, mas significativos, os marcos da presença de Pessoa na produção de Murilo enquanto assunto ou imagem poética. Existem algumas leituras que consideram esta presença do autor português na obra do brasileiro, valendo a pena mencioná-las.

O texto de Edson Nery da Fonseca, “Três poetas apaixonados por Fernando Pessoa”, de 1984, integra uma coletânea de estudos que saíram na *Colóquio Letras* em homenagem ao poeta português. Nele, o autor comenta a recepção de Pessoa por três brasileiros – Cecília Meireles, Murilo Mendes e Lúcio Cardoso¹³ – e destaca o caráter de pioneirismo dessas leituras na “descoberta” de Pessoa pelos brasileiros. Sobre Mendes, o teor elogioso e apaixonado de seu texto de 1944 é comparado por Nery com o texto escrito duas décadas depois para *Janelas Verdes*. Na visão do crítico, Murilo Mendes teria assumido a paixão por Pessoa no texto da década de 40, e no da década de 60/70 o teria repudiado: “Vinte anos depois de escrever este artigo ao mesmo tempo exegético e apaixonado, Murilo Mendes voltou a ocupar-se de Fernando Pessoa, mas, dessa vez, para repudiá-lo”

¹³ É claro que, com *Mensagem*, essa constatação soa problemática, contudo vale refletir, conforme sugere Eugénio Lisboa (1985, p. 40), que a contradição em Pessoa é efeito que resulta dessa “dupla direção do olhar” do poeta, que se mantém entre o passado e o presente. A tradição, o passado, os motivos nacionais, em Pessoa, são transfigurados à luz deste presente da escrita. É dado a esses elementos caráter de novidade e universalidade quando suas imagens são tecidas em um padrão que a tradição não foi capaz de produzir.

(Fonseca, 1984, p.107). Então, vale-se do termo “antipodismo” para definir o que estaria em jogo nesta outra escrita pública de Murilo sobre Pessoa, no alto dos seus 70 anos. Apesar de dar destaque a esta relação antípoda, Edson Nery não desenvolve uma análise dos motivos transformadores da leitura muriliana sobre a obra pessoana.

Em 1988, Vilma Arêas comenta algo que vai na esteira do que disse Edson Nery. Para Arêas, é uma “admiração de avessos” o que define a posição de Murilo frente a Pessoa:

Sem dúvida, Murilo Mendes foi o poeta que, entre nós, melhor deu conta do múltiplo projeto pessoano. O que é notável em seu experimento consiste na descrição de um certo poetar de Fernando Pessoa do ponto de vista da construção formal. Afasta, portanto, o mais fácil: repetição de motivos ou de um ‘clima’. Ao contrário, marca sua diferença em relação ao que bem conhecia, numa admiração de avessos (Arêas, 1988, p. 29).

É anterior ao texto de Edson Nery o artigo “Fernando Pessoa, poeta gerúndio de Murilo Mendes”, escrito por Luciana Stegagno Picchio. O texto foi publicado na *Revista Persona*, em 1981, na mesma edição que inclui, também, o de Murilo Mendes, “Fernando Pessoa”, extraído de *Janelas Verdes*, livro que àquela altura ainda era inédito, e cuja primeira publicação parcial ocorreria em 1989. Provavelmente o texto de Picchio é um dos primeiros a aproximar Murilo Mendes do autor português. A estudiosa italiana, que é referência nos estudos sobre Murilo Mendes, tem lugar de destaque também nos estudos pessoanos, com alguns artigos reconhecidos como fundamentais para o entendimento da poética de Fernando Pessoa.

“Fernando Pessoa, poeta gerúndio de Murilo Mendes” é referido nos estudos seguintes por aqueles que se interessam em analisar os possíveis significados da presença de Fernando Pessoa em Murilo Mendes a partir da análise que Picchio faz do “Murilograma a

Fernando Pessoa”, seja para fazer coro ao viés de leitura proposto por Luciana – caso de Vilma Arêas, em “Uma suave rudeza” (1988) –, seja para contrapor-se ao esquema analítico proposto por ela. Um exemplo disso é o artigo de Paola Poma, de 2004, que vai em direção contrária à proposição de leitura assumida por Luciana, a qual reconhece o “Murilograma para Fernando Pessoa” como poema cujas estrofes contemplam cada máscara pessoana. Paola Poma sugere um caminho de análise guiado pela hipótese contrária, de que o murilograma funciona como “metonímia às avessas”, em que a forma fragmentada do poema performa o embaralhamento dos “estilhaços pessoanos”, de suas personas, no que se impõe um obstáculo ao leitor que queira recompor a imagem original de que o poema poderia ter partido. A leitura de Poma nos incita à compreensão de que o poema de Murilo Mendes seja a realização formal da desconstrução/destruição da estátua de Pessoa sugerida e imaginada no texto “Fernando Pessoa”, de *Janelas Verdes*.

O que podemos perceber é que Pessoa formava o “paideuma” muriliano. Entre eles podemos identificar pontos em comuns, embora com ressalvas. Paola Poma lista alguns, como o dado biográfico, por exemplo. São dois afastados geograficamente do local de onde nasceram, com a diferença de que Pessoa retorna (a Portugal) e Murilo não retorna ao Brasil, falecendo em Lisboa. Poma menciona também a “interioridade múltipla” como outro aspecto em comum, apesar de se resolverem, poeticamente, de modo diferente. Assim como afirma Francis Paulina da Silva, em “Pessoa e Murilo: contrapassantes”, a “consciência do ser múltiplo” em Murilo encontra correspondência na “experiência de pluralidade” de Pessoa (Silva, 2008, p. 93). A crítica redimensiona e confere importância ao “contrapassante” citado no último verso de “Murilograma a Fernando Pessoa” e tece o argumento na mesma direção da ideia defendida por Edson Nery, de ser Murilo antípoda de Pessoa, assim como Paola

Poma, que vê no poema de Murilo ao poeta português um diálogo desarticulado. De qualquer maneira, aquele que é assunto é também espelho ou fractal. Porque, como notam Moura (1997, p. 137) e Guimarães (1993, p. 108)¹⁴, Mendes parece falar também de si mesmo quando fala sobre artistas de sua admiração. Ao citar o outro, aquele que cita é, segundo um jogo de espelhamento, por sua vez, citado.

É válido dizer que as leituras de Luciana Stegagno Picchio (1981), Edson Nery (1985), Vilma Arêas (1988), Paola Poma (2004) e Francis Paulina da Silva (2008) compartilham, salvo as suas diferenças, da constatação de que é móvel e significativo o lugar ocupado por Pessoa na poética de Murilo, assim, os mecanismos produtores dessa mobilidade são uma questão a ser estudada.

Para concluir esta breve linha de apontamentos de aspectos comuns aos autores, ficamos então com a aproximação que Joana Matos Frias, crítica portuguesa e estudiosa da obra do poeta brasileiro, faz entre Murilo e Pessoa sob o caráter da universalidade que assumem. As obras dos poetas não são limitadas à geografia ou à cultura de seus países. Pessoa diz que a arte deve ser “maximamente desnacionalizada [...] só assim será tipicamente moderna” (Pessoa, 1966, p. 113)¹⁵. Murilo, por sua vez, em “A poesia e o nosso tempo”,

¹⁴ Na sua dissertação de mestrado *A Construção do Cânone Crítico Sobre Fernando Pessoa: A Crítica de Adolfo Casais Monteiro* (UNICAMP, 2000), Gagliardi analisa o desenvolvimento dos estudos de Adolfo Casais sobre Fernando Pessoa ao longo do tempo, desde quando contribuía com a *presença* a décadas seguintes, quando já estava no Brasil, onde estabelecera contato com outras perspectivas críticas, como as de T.S Eliot e as imanentistas, que alteraram a sua leitura sobre Pessoa.

¹⁵ Laís Corrêa de Araújo, autora do material epistolar e biográfico apresentado em *Murilo Mendes: ensaio crítico, antologia, correspondência* (2000), oferece-nos um enquadramento de certo momento da vida de Murilo Mendes na Europa. Ela acompanhou criticamente a produção de Murilo Mendes, escrevendo para

proclama a ideia de “um tempo e um espaço em que a medida dominante seja a da universalidade” (Mendes, 1959 apud Frias 2002, p. 236). Vai na direção dessas ideias a impressão que o crítico português Gaspar Simões apresenta ao ler *Tempo Espanhol*, de Murilo Mendes. Na sua leitura, o crítico chama o poeta de “clássico do modernismo” (Simões, 1962, p. 166) pela reativação da tradição no presente de sua escrita, transformando-a.

5. ITINERÁRIOS DE LEITURAS

Na introdução do artigo de 1944, Murilo Mendes faz um anúncio emocionado da publicação em Portugal – e da chegada ao Brasil – da edição da “obra monumental” de Fernando Pessoa, organizada pelo crítico português Gaspar Simões. O tom é de reverência, fala com “abandono, admiração e emoção”. O poeta brasileiro é sensível aos poemas deste “grande entre os grandes”, lidos na edição de 1943 das *Poesias de Fernando Pessoa*, e constata que “ainda em vida o ‘mito Fernando Pessoa’ já estava criado. Mito que é uma profunda e extensa realidade, diante da obra que nos vem às mãos”. É recorrente o uso da palavra solidão e seus derivados, seja para definir a expressão da obra, seja para definir o artista que a produz: “poeta da solidão essencial”; “da solidão absoluta”. Murilo estabelece uma pequena tradição da solidão representada por Antero de Quental e António Nobre, em que Fernando Pessoa os supera, “sozinho mesmo. Só com o só. Com a Esfinge, que não é outro senão ele próprio”. Contudo, reconhece em Pessoa o pólo oposto complementar à solidão individual, que é a manifestação da coletividade épica no poema “Ode Marítima”.

Mendes adverte que o seu posicionamento diante da obra de Fernando Pessoa, não sendo de crítico literário, é daquele que se “es-

periódicos como o *Suplemento Literário de Minas Gerais*, além de capítulos de livros dedicados ao poeta.

balda”, deixando claro o viés emotivo e admirado de sua leitura, ameaçando “quebrar a pena” e nunca mais escrever. É esse tom elogioso que se manterá ao longo de todo o artigo, no que aponta as suas preferências. Da parte heterônima, são as Odes de Álvaro de Campos que recebem ênfase. Murilo reconhece Walt Whitman, Camões e Homero em “Ode Marítima”, em que o “mar moderno e o antigo são o mesmo mar”, imagem alegorizante da relação entre individualidade-coletividade destacada acima, ao apontar na *Ode* a inesperada abertura ao coletivo deste poeta da “solidão absoluta”, sendo o poema um “novo Lusíada”. Apesar de a “Ode Triunfal” também estar em alta conta, ainda prefere a que julga ser a menor de todas, a “Ode Marcial”.

É incontestável a primazia que Murilo dedica, nesse artigo, a Fernando Pessoa como uma das suas maiores referências, figurando ao lado de outros poetas de sua estima. “Querido Fernando Pessoa: ao lado de Camões, de Antero, de Antonio Nobre, de Villon, de Baudelaire, de Rimbaud, tu estás conosco, com os poetas que te desprendem agora, ‘da sombra do Monte Abiegnio’” (Mendes, 1944, p. 4). O endereçamento ao poeta é claro: Murilo performa este diálogo apaixonado, com reverência, e se inclui no grupo, pois diz “nós”. Se, na década de 70, seu texto liberta Pessoa da condição de estátua, devolvendo ao mito o seu caráter humano; neste momento, a vocação é transcendente, desprendido está Fernando Pessoa para o Monte Abiegnio, para poder subir a essa dimensão superior. Pessoa está “ao lado” e, ao mesmo tempo, “estás conosco”, com o grupo e desprendido por eles.

Em 1944, Murilo ainda não havia viajado para a Europa, visitado Portugal, mas já revelava sua admiração por escritores lusitanos. Como já foi dito, as correspondências com os portugueses e a sua participação em revistas portuguesas e luso-brasileiras efetivam esta aproximação.

Entre o artigo de 1944 e *Janelas Verdes*, vale citar a correspondência enviada por Murilo a Adolfo Casais Monteiro, escrita em 1959. O poeta brasileiro estava em Roma e o crítico português estava no Brasil desde 1954. Na carta, Murilo avisa ter recebido o livro de autoria de Casais sobre Fernando Pessoa. Pela data da correspondência, é provável que esteja se referindo à obra crítica, *Estudos sobre Fernando Pessoa*, publicada em 1958, no Brasil. O livro mencionado não está listado entre os livros da biblioteca do poeta brasileiro, mas se trata de um estudo fundamental sobre a obra de Fernando Pessoa. O crítico presencista, a essa altura, como indica Caio Gagliardi (2000)¹⁶, revela-se amadurecido em suas leituras pessoanas. Murilo, por sua vez, demonstra estar atento à fortuna crítica do poeta português. Ao atribuir ao estudo de Casais Monteiro lugar distinto dentre o restante da crítica, discorre

Há anos que Você convive com o poeta Fernando Pessoa. Você tem as chaves do labirinto, pode se perder nele algum tempo, mas tem as chaves e volta, e volta sempre com as mãos cheias. Cheias de

¹⁶ O desejo de Murilo era de que a obra tivesse sido editada e publicada em Portugal em 1970, o que só aconteceria após a sua morte, em 1989, em caráter parcial, contando apenas com o setor 1 da obra destinado aos lugares de Portugal, ficando de fora o setor 2, sobre personalidades portuguesas. Essa publicação ocorreu através da Galeria 111 em Lisboa. Trata-se de uma edição considerada de luxo, em que cada conjunto de fragmentos de cada lugar é acompanhado de duas serigrafias originais da artista portuguesa Vieira da Silva. Na época, a tiragem foi de 250 exemplares. Em 1994, *Janelas verdes* recebe uma 2ª edição, e os dois setores integram a *Poesia completa e Prosa do autor*, editada pela Nova Aguilar. Como nota Luciana Stegagno Picchio no prefácio à 3ª edição completa e autônoma de que fazemos uso neste trabalho, bem como demonstra os manuscritos que integram este volume, Murilo, em seu processo de revisão, cogitava incluir como introito a “Microdefinição do autor”, texto que depois passou a fazer parte de *Poliedro*. E entre os setores 1 e 2, previa a inclusão de um “intermédio poético” com “murilogramas” aos portugueses.

exemplos, de descobertas oportunas, de agudas observações. Você, ao mesmo tempo que soube situar historicamente o poeta Fernando Pessoa, soube isolá-lo fora do tempo, como célula intransferível, dotado de um impulso único, de um ritmo que ele mesmo se construiu e vitalizou.

Repito: seu livro é de um crítico poeta, ou de um poeta crítico. Posição invejável, que o coloca no centro mesmo do problema de Pessoa, do Pessoa sempre voltado para os dois polos da dicotomia poesia-crítica. E que soube instalar, como você acentua, a lucidez mesmo fora da vida real. [Roma, 22/6/1959] (Guimarães, 2012, p.49).

Ao comentar a leitura do crítico, Murilo também abre a sua leitura. Como no texto de 1944, novamente faz uso de expressões que reforçam o caráter único, fechado em si mesmo do poeta português. Murilo notou que Casais Monteiro “soube isolá-lo”. Como vimos, Murilo já dizia no jornal, em 1944, que “o destino [...] fê-lo isolado, estranho a um pequeno grupo que o cercava, e a si mesmo” ou “Sozinho mesmo. Só com o só” (Mendes, 1944, p. 4). Por isso, esta condição atribuída a Pessoa torna exigente uma leitura que o isole fora do tempo, como o fez Casais Monteiro. Da posição de isolado fora de tempo, passaria Pessoa, pela imaginação muriliana, para a de isolado dentro do tempo dos homens, dentro do real, como veremos a seguir.

*

Em 1974, em Lisboa, um ano antes de seu falecimento e estando *Janelas Verdes* ainda não publicado, Murilo comenta, em carta para Laís Corrêa¹⁷: “[...] um dos livros mais originais que já escrevi;

¹⁷ Citação extraída da introdução à antologia *Poesias (1925-1955)* organizada por Murilo Mendes, intitulada “Advertência”.

penso, sem modéstia, que consegui algo de difícil, como escrever sobre temas exploradíssimos: nada tem a ver com o ‘Portugal pequenino, Portugal dos meus avós’, etc.” [Roma. , 20/9/1974] (Corrêa, 2000, p. 235).¹⁸

Ao final de *Janelas Verdes*, em “Notas do Autor”, Murilo explica:

Reconheço a falta de unidade (no sentido clássico) do livro, mas não me importo. Trata-se dum exercício de estilo; e, querendo dessacralizar a temática e as fórmulas, quase sempre convencionais ou ridículas, ‘Portugal pequenino’, ‘Portugal dos meus avós’, processo com extrema liberdade de desenvoltura. Espero, entretanto, que tenha deixado aqui a marca do meu afeto (Mendes, 2003, p.193).

Para o poeta brasileiro viajante em Portugal, se o afeto, por um lado, impulsionou a viagem e a sua escrita, por outro, não descartou o atrito, de modo que não só de adesão consistiu a sua relação com o país, com sua cultura e sua história. A cargo da invenção, as imagens que aparecem na obra representativas da memória coletiva e pessoal são lançadas ao movimento que ora as constrói, ora as destrói. Um escritor brasileiro, comprometido com a liberdade a que se propõe ao escrever, mesmo não podendo dizer que a viagem se deu na sua terra, como diz o português Garrett no título de *Viagens na minha terra*, insere-se na partilha do saber cultural sobre o país através de sua lente transfiguradora.

¹⁸ O texto de Mário de Andrade, “Uma suave rudeza”, foi publicado originalmente no *Diário de Notícias*, em 1939, conforme aponta Maria Damaceno de Sá (2013), cujo estudo nos fornece a versão publicada na coletânea de ensaios *O empalhador de passarinho*, de 1946. Este será o ano a ser indicado nas citações ao longo do artigo quando se fizer referência ao texto de Mário.

Na ordem proposta, em *Janelas Verdes*, Fernando Pessoa figura no fim do livro. No interior do setor 2, onde estão os textos sobre personalidades portuguesas. Neste setor, há ainda uma sub-setorização indicada por letras do alfabeto.

SETOR 2

A: Nuno Gonçalves (pintor, século XV, 1420-1490), Gil Vicente (teatro, 1465-1536), Padre Antônio Vieira (sermão, 1608-1697), Mariana Alcoforado (carta, 1640-1723).

B: Bocage (poeta, 1765-1805), Camilo Castelo Branco (romancista, 1825-1890), Eça de Queirós (1845-1900), Teixeira de Pascoaes (poeta, 1877-1952), Jaime Cortesão (historiador 1884-1960), Miguel Torga (1907-1995).

C: Antero de Quental (poeta, 1842-1891), Camilo Pessanha (1867-1926), Mário de Sá-Carneiro (1890-1916), Florbela Espanca (1894-1930), Afonso Duarte (poeta, 1884-1958), Vieira da Silva (pintora, 1908-1992) e *Fernando Pessoa* (1888-1935).

Podemos tentar atribuir alguma ordem cronológica, mas ela não se mantém. Se seguissemos o critério cronológico, Antero de Quental e Camilo Pessanha estariam no “bloco” B, não no C. Assim como Afonso Duarte trocaria de lugar com Miguel Torga, este inserido no bloco B e aquele inserido no C. São inversões, como a que ocorre entre Vieira da Silva e Fernando Pessoa, que encerram o bloco, fechando o livro. O reposicionamento dá a ver o modo com que Murilo interpreta a obra desses autores, inserindo-os numa tradição particular.

Pessoa é citado em alguns trechos antes de aparecer no texto final. No fragmento sobre Monte Gordo, no Setor 1, Murilo cita a quadra de Fernando Pessoa: “Na praia de Monte Gordo / Meu amor, te conheci. / Por ter estado em Monte Gordo / É que as-

sim emagreci” (Pessoa apud Mendes, 2003, p. 53). E, então, desenvolve uma espécie de leitura biografizante do trecho, de intenção irônica evidente, vendo nele o anúncio de duas informações, de “duas coisas capitais”: a de que, em Monte Gordo, Fernando Pessoa conheceu um de seus amores “(ponto biográfico obscuro)”, e que lá emagreceu, fato que “lhe tenha prolongado a vida e os versos”. Poderíamos dizer que há nisso um exagero, com intuito irônico, do viés interpretativo que foi caro aos presencistas nos anos 30: a estreita relação entre a vida do autor e sua obra, a qual seria o vetor da sinceridade do artista. Como pioneiros no quesito leitura pessoana, o problema da sinceridade foi um assunto que impôs alguns impasses a essas leituras (Gagliardi, 2000).

Em outro trecho, em Évora, Pessoa é aquele de quem Murilo discorda: “Évora, nome rápido, esdrúxulo (discordo de Fernando Pessoa que sublinhou o ridículo das palavras esdrúxulas)” (Mendes, 2003, p. 48), referência ao poema de Álvaro de Campos, “Todas as cartas de amor são ridículas”, que, na última estrofe, diz “Todas as palavras esdrúxulas, / Como os sentimentos esdrúxulos, / São naturalmente / Ridículas” (Pessoa apud Mendes, 2003, p. 48). Direito de discordar, gesto de liberdade.

Ao biografar Mário de Sá-Carneiro, também, Murilo altera o cenário postulado pela narrativa tradicional acerca da morte do poeta, trocando, propositadamente, o veneno pelo revólver, e diz, em *post scriptum*: “Bem sei que o poeta não se matou com um revólver, antes com uma forte dose de estricnina” (Mendes, 2003, p. 183). Contudo, numa consulta que faz das cartas que o poeta trocara com Fernando Pessoa, Murilo chega à informação de que Sá-Carneiro havia projetado, mesmo não executando, uma morte via revólver. Desse modo, decide manter a sua versão que, para ele, “convém mais do ponto de vista literário” (Mendes, 2003, p. 183).

Após percorrer as aparições de Pessoa em textos anteriores de *Janelas Verdes*, chegamos ao texto “Fernando Pessoa”. Nele, Murilo descreve seu encontro com o poeta lisboeta: “Assemelha-se a qualquer das suas fotografias de homem maduro. Traz um terno cinzento, gravata da mesma cor (...); os óculos fora da linha, cabelos sobrando dum chapéu de feltro, prestes também a largar; distante dos próprios passos, o ar chateado” (Mendes, 2003, p. 190). Aproximando ironicamente vida e obra, diz ter lido um dia antes “Opiário”, de Álvaro de Campos, e que isso o ajudou a reconhecer o poeta português. Nesse encontro, Fernando Pessoa lhe pede “verdade e aspirina”, como aparece no poema “Tenho uma grande constipação”, também de Álvaro de Campos. Após Pessoa receber de Murilo as aspirinas – que seriam destinadas a João Cabral –, “Segura a cápsula” e a Murilo faz “um aceno de meia cabeça”. Murilo descreve: “Vejo Fernando Pessoa, guarda-livros lisbonês, dileguar-se debaixo das janelas verdes que, apesar das manigâncias da noite alquimista, continuam a cumprir seu ofício de verdes” (Mendes, 2003, p. 191). A palavra “dileguar-se”, do italiano “*dileguarsi*”, significaria desaparecer-se, forma reflexiva do verbo que indica a ação de desaparecer e fazer desaparecer a si mesmo. Na carta a Casais, Murilo dizia, sobre o ritmo em Pessoa, que “ele mesmo se construiu, construiu o ritmo a si mesmo” [Roma. 22/6/1959] (Guimarães, 2012, p. 49) A isso podemos acrescentar o último verso da primeira estrofe de “Murilograma a Fernando Pessoa”, que diz “Não dás o braço a. Dás-te o braço” e a terceira estrofe, a seguir:

Exerces o fascínio
De quem autocobaia se desmembra
A fim de conhecer o homem no duro
Da matéria escorchada.
Ninguém alisa teu corpo e teu cabelo (Mendes, 2014, p. 98).

O trecho “autocobaia se desmembra” corrobora a noção do sujeito ensimesmado, que age sobre si e está, portanto, fechado e isolado na sua solidão, na qual “Ninguém alisa teu corpo e teu cabelo”, mas ao mesmo tempo é capaz de conhecer o homem, o humano, multiplicando-se em outros ao se desmembrar.

No desfecho deste capítulo final do livro, em que se nota a Praça do Comércio transformada em garagem a “pensamentear” seu “outrora deserto”, o viajante-sonhador observa as luzes “dos barcos bêbados do Tejo indisposto ao diálogo”. E, para “a feia estátua-cópia reduzida do não-ideal Cristo do Corcovado”, Murilo sugere – em referência irônica à catástrofe de 1755 em Lisboa – um “terremotozinho específico que, sem matar ou ferir, destrua-a, deixando o espaço livre de qualquer futura estátua dedicada a alguém, mormente a Fernando Pessoa. Pois haverá coisa mais bela do que o espaço livre? Somente o homem livre no espaço livre” (Mendes, 2003, p. 192).

Partimos de uma leitura de Fernando Pessoa, em 1944, como obra monumental recém-descoberta, ao prenúncio de destruição da estátua dedicada ao poeta na obra de 1970. Neste cenário, o que parece interessar a Murilo é menos a imagem do mito do que a do homem. Por isso recria para si, com liberdade, a imagem de um Fernando Pessoa liberta do fardo de monumento, um homem livre e cotidiano que lhe pede aspirina, passa e parte. “O dorso, a demarcha de ‘vencido’, de alguém que rejeita a pabulagem e os artifícios do sucesso externo ou interno (...) libertando-se, pela imaginação, tornada força produtiva revolucionária, dos absurdos da sociedade tecnológica” (Mendes, 2003, p. 191).

Na última estrofe de “Murilograma a Fernando Pessoa”, lemos

Quanto a mim adverso ao Nada, teu imã,
Eis-me andando na rua do gerúndio.
Ensaio o movimento, vôo portátil.

Devolvo-te grato o que não me deste,
Admiro-te por não dever te admirar.
Na linha da atração reversível dos contrários
Contrapassantes (Mendes, 2014, p. 99).

6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Situar Pessoa na poética de Murilo é situar Pessoa à luz do momento de produção de Murilo. Quando ele falou sobre Pessoa nos anos 40, era o Murilo que no ano seguinte publicaria *As metamorfoses* (1945), ponto alto de sua produção quando se verifica o máximo aproveitamento dos procedimentos estéticos da vanguarda europeia e do surrealismo: o encontro de imagens díspares, via montagem e colagem. Seu texto é recepção da obra de Pessoa e um exemplar do reconhecimento do impacto da obra do autor na tradição literária portuguesa e brasileira. A exposição pública da sua leitura emocionada publicada em jornal sobreviveu ao tempo nos arquivos, hoje, digitais, mas foi instantaneamente concebida nos moldes voláteis da imprensa. Ali Murilo está rendido a Pessoa, não tem controle sobre ele, cai para trás diante da obra.

Quando Murilo falou sobre Pessoa nos anos 60/70, em *Janelas Verdes*, era o Murilo maduro, reconhecido fora do Brasil, interessado nas possibilidades construtivas da linguagem da prosa e da poesia, com uma proposta de fazer da escrita um espaço de liberdade. Murilo revisita a sua tradição por este prisma e a atualiza, não à toa dizia: “Não sou o meu sobrevivente, e sim meu contemporâneo” (Mendes, 1959, p. XIX)¹⁹. Em *Janelas Verdes*, Pessoa é uma imagem poética, moti-

¹⁹ Conforme demonstra a pesquisa de Rodrigo Xavier (2020) em “Fernando Pessoa em periódicos brasileiros e o ‘flerte’ de nossa crítica modernista”, podemos afirmar que desde a década de 20 a poesia de Pessoa circulava de modo escasso

vo literário, integra um setor, está rendido ao trabalho imaginativo exercido pelo escritor brasileiro.

RECEBIDO: 30/12/23

APROVADO: 15/02/24

REFERÊNCIAS

ARÊAS, Vilma. Uma suave rudeza. *Remate de Males*, Campinas: SP, v. 8, p. 19 - 36, 1988.

CORRÊA, Laís. *Murilo Mendes: ensaio Crítico, antologia e correspondência*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

FONSECA, Edson Nery da. Três poetas brasileiros apaixonados por Fernando Pessoa. *Colóquio – Letras*, Lisboa, n. 88, p. 102 - 109, 1985.

FRIAS, Joana Matos. Modernidade e modernismo em Murilo Mendes. In: MELLO, Ana Maria Lisboa de (org.). *Cecília Meireles & Murilo Mendes*. 1ª ed. Porto Alegre: Uniprom, p. 228 - 242, 2002.

GAGLIARDI, Caio. *A construção do cânone crítico sobre Fernando Pessoa: a crítica de Adolfo Casais Monteiro*. 2000. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, f. 223, 2000.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Cartas de Murilo Mendes a correspondentes europeus*. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2012.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. O museu em prosa. *Territórios/Conjunções: Poesia e Prosa Críticas de Murilo Mendes*. Rio de Janeiro: Imago, p. 78-108, 1993.

LEITE, Rui Moreira; LEMOS, Fernando. Missão Portuguesa no Brasil. *Pro-Posições*, Campinas, SP, v. 17, n. 3, set.-dez, p. 71 - 79, 2006.

LISBOA, Eugénio. “Uma tranquilidade violenta : Fernando Pessoa e a ruptura modernista”. *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n.º 88, p. 37 - 43, Nov. 1985.

MENDES, Murilo. Fernando Pessoa. *A Manhã*, Rio de Janeiro, RJ, p. 4, 22 out. 1944.

na imprensa brasileira, em jornais e coletâneas, sem que houvesse uma recepção engajada em dar-lhe ênfase, tal qual a ocorrida nos anos 40.

- MENDES, Murilo. *Poesias (1925-1955)*. Rio de Janeiro: José Olympio. 1959.
- MENDES, Murilo. *Janelas Verdes*. Vila Nova Famalicão: Quasi Edições, 2003.
- MENDES, Murilo. *Convergência*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- MENDES, Murilo. *As Metamorfoses*. São Paulo: Record, 2002.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. Estado presente do intercâmbio intelectual Luso-brasileiro. *Presença*, Coimbra, ano 11, v. 3, p. 29, 1938.
- MOURA, Murilo Marcondes de. Maria Helena Vieira da Silva. In: *Murilo Mendes: A Poesia como Totalidade*. Editora da Universidade de São Paulo: São Paulo, p.136 - 138, 1995.
- NEVES, João Alves das. Fernando Pessoa e o Brasil *Voz Lusíada: Revista da Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes*, São Paulo, SP, p.369 - 389, 2004.
- PESSOA, Fernando. O que quer Orpheu? In: Pessoa, Fernando. *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*: Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática, 1966. p. 113. Disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/1836>. Acesso em: 25 nov. 2023.
- PICCHIO, Luciana Stegagno – Fernando Pessoa, o Poeta Gerúndio de Murilo Mendes. *Persona*. Porto. Nº 4, p. 3-9, 1981.
- POMA, Paola. Diálogo desarticulado: Fernando Pessoa e Murilo Mendes. *Voz Lusíada: Revista da Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes*, São Paulo, SP, p. 21, p. 311-323, 2004.
- SÁ, Marina Damasceno *O empalhador de passarinhos. Edição fiel e anotada*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, f. 477, 2013.
- SARAIVA, Arnaldo. Fernando Pessoa: influências de (e sobre) brasileiros. In: *Modernismo brasileiro e modernismo português: subsídios para o seu estudo e para a história das suas relações*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p. 183 - 195, 2004 [1986].
- SILVA, Francis Paulina Lopes da. Pessoa e Murilo Mendes: contrapassantes. *Verbo de Minas – Letras*, Juiz de Fora, v. 7, n. 14, jul.-dez, p. 87-96, 2008.

SIMÕES, João Gaspar. Murilo Mendes - *Tempo Espanhol*; João Cabral de Melo Neto - *Quaderna e Duas Águas*. In: GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Cartas de Murilo Mendes a correspondentes europeus*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, p. 165-170, 2012 [1962].

SIMÕES, João Gaspar. et.al. Estudos sobre Fernando Pessoa no Brasil. *Revista Comunidades de Língua Portuguesa*, São Paulo, n. 6/7, p.7-101, 1986.

XAVIER, Rodrigo. Fernando Pessoa em periódicos brasileiros e o ‘flerte’ de nossa crítica modernista. *O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte - MG, v. 29, n. 3, p. 75-110, 2020.

MINICURRÍCULO

ALINE LEÃO é doutoranda em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas. Sua pesquisa investiga a recepção de Murilo Mendes em Portugal e a sua interlocução com os portugueses (financiamento FAPESP 2023/10313-8). Graduiu-se em Letras pela Universidade Federal de São Paulo, onde também obteve o título de Mestre em Letras (Estudos Literários).